

«Oporto Wine In Maps (1843-1860)»: A Cartografia inglesa do Douro

João Carlos dos Santos Garcia

Professor Associado do Departamento de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto
jgarcia@letras.up.pt

Didiana Branco

Docente da Área de Turismo da Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Lamego
(Instituto Politécnico de Viseu)
dribeiro@estgl.ipv.pt

RESUMO

Oporto wine received a delimited geographical region - the Douro valley - since two new maps were drawn and engraved in London, in the mid 19th century. The author, Joseph James Forrester, an English merchant/tradesman of Scottish origin, edited them in a close connection with the economic, social and political conditions of Portugal, the wine trade markets, and the international exhibitions of London (1851) and Paris (1855). Based on British cartography which dates back to established/dating from the Napoleonic Wars in the Iberian Peninsula, the «Map of the wine district of the Alto Douro » (1843) and « The Portuguese Douro and the adjacent country and so much of the river as can be made navigable in Spain» (1848) had had different editions in London, Edinburgh and Oporto, by well known cartographers as James Wyld and William Hughes, till the baron's death in 1861. Maps of Oporto Wine were published and diffused as monuments to eternize the Baron of Forrester and his work, and the unfailing British presence at the Portuguese Douro.

PALAVRAS-CHAVE: Portugal, Vale do Douro, cartografia, século XIX.

I. A CARTOGRAFIA MILITAR INGLESA NA BACIA DO DOURO

Ao longo do século XIX desenvolveu-se um renovado interesse estrangeiro por Portugal, na sequência das Invasões Francesas e do envolvimento diplomático, político e militar inglês, tudo implicando um conhecimento da Geografia física e humana peninsular, materializado em produção de relatos, particularmente de militares, e numerosos trabalhos cartográficos. O vale do Douro é um dos territórios presentes em todo o processo¹.

Entre as personalidades e as instituições britânicas relacionadas com os levantamentos topográficos desenvolvidos durante as campanhas bélicas contam-se George Murray e o British Quarter Master ². O General Sir George Murray (1772-1846), foi um famoso militar e político escocês, que participou activamente nas várias etapas na Guerra Peninsular. Muito do seu contributo se liga ao Quarter-Master General 's Office

¹ Uma primeira versão desenvolvida deste texto foi divulgada in *O Barão de Forrester. Razão e Sentimento (1831-1861)*, coord. Isabel Cluny, peso da Régua, Fundação Museu do Douro, Dezembro de 2008, pp. 68-85.

² WARD, 1957, p. 25.

(QMG) que, mais tarde, comandou. Esteve em Portugal em 1808, e em várias regiões da Península Ibérica, entre 1809 e 1811, onde regressou em 1813-1814 ³. Após a derrota de Napoleão, em 1815, seguiu uma carreira como militar e como homem de Estado, sob as ordens de Lord Wellington⁴.

O território português encontrava-se então pouco reconhecido segundo os modernos métodos e técnicas cartográficas, excepção feita a algumas memórias e mapas de oficiais portugueses e espanhóis ⁵. A única solução para elaborar novos mapas, de qualidade, seria reunir informação através de levantamentos topográficos de campo, levados a cabo sob as ordens de um grupo de oficiais especializados. Este corpo técnico era o QMG e, com este propósito, George Murray tinha na Península os seus assistentes. A informação produzida era enviada para Londres e para Lisboa ⁶, onde os arquivos cartográficos militares se encontravam largamente delapidados, depois da transferência das colecções mais preciosas e estratégicas para os arquivos do Rio de Janeiro, e do saque e transporte do restante material para os arquivos militares de Paris, pelo exército de Junot.

Em finais de 1810, quase todo o centro de Portugal estava levantado numa escala de quatro milhas por polegada, aproximadamente 1: 250.000, tendo sido seis, os agentes incumbidos do reconhecimento e desenho topográfico. Estes trabalhos permitiram que Murray e Wellington não continuassem a depender de road-books e de mapas impressos estrangeiros, de escalas bastante díspares e muito incorrectos ⁷. Mas, o processo de constituição deste universo cartográfico não termina com a guerra. Murray obtém permissão do Governo inglês para a permanência de um oficial, durante quatro anos, em Portugal e em Espanha, para completar os esboços referentes às mais importantes batalhas. A tarefa foi atribuída a um habil desenhador, o Captain Mitchell, cujos desenhos, abertos pelo gravador e editor londrino James Wyld foram publicados, em 1841, numa obra que inclui, um atlas e uma memória complementar: *Maps & Plans, showing the principal movements, battles & sieges, in which the British Army was engaged during the war from 1808 to 1814 in the Spanish Peninsula and the South of France* e a *Memoir annexed to an Atlas containing Plans of the Principal Battles, Sieges, and Affairs in which the British troops were engaged during the war in the Spanish Peninsula and the South of France from 1808 to 1814* ⁸.

A Memória consiste num descritivo texto que anexa as ordens referentes às acções militares preparadas pelo General Murray, incorporando correspondência diversa, cuja história conviria rever. Nela se informa sobre as fontes cartográficas do atlas: “The publication of the series of Plans accompanying this Memoir, was undertaken at the Publisher’s own risk and costs, not so much with hope of Great emolument as from the wish to offer to the public a series of authentic Plans of the Battles and Sieges of the war in the Peninsula; and the kind liberality of Sir George Murray, who placed at his disposal all the Plans in his possession, and afforded him to use of his private documents, has, the Publisher hopes, enabled him to place before the Public authentic illustrations of his brilliant passage in the Military History of Great Britain”.⁹

A compilação da série de planos militares que compõem o atlas, ilustrativa das operações militares das tropas britânicas ficara prevista para logo que a paz regressasse. George Murray solicitara para Lisboa, em Maio

³ *Dictionay of National Biography*, XIII, 1908, p. 1260.

⁴ Foi Governador de Sandhurst (Royal Militar College) e Governador Geral do Canadá, em 1814 (WEBSTER, 2001, p. 3).

⁵ DIAS, 2007.

⁶ WARD, 1957, P. 109.

⁷ WARD, 1957, p. 110 e Paget, 1990, p. 157.

⁸ Londres, James Wyld, 1841.

⁹ *Memoir annexed to an Atlas*, 1841, p. b.

de 1814, que se reunissem e empacotassem todos os livros, planos e papéis pertencentes ao Departamento de Lisboa do QMG. As caixas deveriam ser-lhe enviadas para Londres, e deveriam excluir os esboços e planos incompletos, pois ainda poderiam ser úteis aos oficiais que os deveriam terminar ¹⁰. Havia então que nomear os oficiais capazes de levar a cabo a última etapa.

Tendo conhecido o Lieutenant Mitchell, do 95th Regiment, do Peninsula Army, Murray seleccionou-o, como a pessoa mais qualificada para a obra a empreender ¹¹. A primeira tarefa foi completar os esboços iniciados durante a guerra, cuja execução teria sido impossível durante as operações em campo. Esta fase requeria o consentimento dos Governos Português e Espanhol e este acordo foi finalmente conseguido, ainda que com algum atraso ¹². Mitchell continuou os seus trabalhos na Península mas, no Verão de 1819, o cartógrafo terá regressado a Inglaterra e, posteriormente, colocado no Surveyor General's Department, na Austrália ¹³. O estudo cartográfico ficou novamente incompleto mas, depois de um lapso de vários anos chegou finalmente ao público, como referimos, através da parceria do editor James Wyld e de Sir George Murray, em 1841. ¹⁴

Neste contexto, sabemos que o Alto Douro também foi alvo de levantamentos topográficos pelos britânicos. Em 1813, o General Murray decidiu enviar agentes para efectuarem esse trabalho: “Murray sent two officers from each of three British cavalry brigades, and one from two of the divisions to examine the roads as far as the frontier; one D.A.Q.M.G. (Bainbrigg) to examine the Trás-os-Montes between the Sabor and the Douro, a second (Broke) in the country between the Sabor and the Tua, and a third officer (Mitchell) to examine the region north of the Douro from its junction with Esla to Benavente” ¹⁵. Ao fim de cinco semanas, a informação recolhida por estes militares terá sido analisada e comparada, e as rotas traçadas; em menos de quinze dias as tropas reviram as suas posições.

Pelos muitos problemas ocorridos e pela morosidade de todo o processo editorial, nem todos os planos e mapas elaborados em ou sobre Portugal se encontram no atlas, e os caminhos dos originais, das variantes e das simples cópias, desde então, podem e devem ter sido diversos. A “Murray Collection”, hoje existente na National Library of Scotland é um dos acervos mais importantes para localizar a informação ¹⁶. A colecção reflecte o tempo e os espaços do General Murray e o seu inventário indica que quase metade dos mapas e plantas datam da Guerra Peninsular. Talvez que entre todos se encontrem os levantamentos cartográficos efectuados pelos oficiais ingleses, no Alto Douro.

Mas a documentação britânica referente à Guerra Peninsular estende-se a outros arquivos privados e públicos do Reino Unido, como as colecções Wellington, o Public Record Office e a British Library. Na Map Room desta última se encontra grande parte da obra do impressor e editor de mapas James Wyld. Foi ele quem, no início da década de 1840, reuniu em Londres, para gravação e edição, as mais detalhadas e correctas

¹⁰ *Memoir annexed to an Atlas ...*, 1841, p. b2.

¹¹ Mitchell seria no futuro Sir Thomas Livingston Mitchell, famoso explorador escocês da Austrália (ver BAKER, 1997).

¹² *Memoir annexed to an Atlas ...*, 1841, p. viii.

¹³ *Memoir annexed to an Atlas ...*, 1841, pp. ix-xi.

¹⁴ A relação cartográfica de Wyld com o espaço português não era nova. Em 1827 publicara a 2ª edição do mapa anónimo mas elaborado a partir de um original de Neves Costa levado para Londres, intitulado: *A Military Sketch of the Country between Lisbon and Vimiero occupied by the British Army under the Command of Lieutenant General Viscount Wellington*.

¹⁵ WARD, 1957, p. 111. Nos National Archives, em Kew, Londres, existem dois mapas que se relacionam muito provavelmente com estas e anteriores campanhas de levantamentos cartográficos ingleses, assinados por Broke e Mitchell (*Public Record Office*, MR 1/167/6 e MR 1/167/2).

¹⁶ *Maps & Plans...*, 2001. A lista inclui apenas os mapas depositados na Map Library.

fontes manuscritas cartográficas sobre o Alto Douro, fossem os esboços e planos militares que temos vindo a comentar, fossem os mapas “civis” que analisaremos em seguida, em particular, os coordenados por Joseph James Forrester.

II – J. J. FORRESTER NO NORTE DE PORTUGAL

Joseph James Forrester nasceu em Hull, a 21 de Maio de 1809, membro de uma conhecida família escocesa de Perth. Veio para o Porto, em 1831, onde se encontrava James Forrester, seu tio, desde 1803, pertencente a uma das mais importantes casas comerciais que, então, se dedicavam ao negócio e exportação do Vinho do Porto para Inglaterra. Tratava-se da firma Offley, Webber, Forrester & C.^a, instituição fundada em 1761. Mas, embora James Forrester tenha sido um dos elementos da Factory House, até à sua morte, em 1840, Joseph Forrester nunca foi membro da British Association, atendendo aos seus controversos pontos de vista ou à sua ascendência escocesa.

Segundo os seus biógrafos, fica a ideia de um incansável viandante que percorre o Alto Douro, estudando o rio e a região envolvente, com uma determinação que pressupõe objectivos muito bem delineados. Lança-se numa campanha de propaganda em defesa da qualidade do Vinho do Porto. Estuda novos métodos científicos e meios para desenvolver a agricultura e os interesses económicos dos lavradores, defendendo-os em publicações várias, não só em Portugal, como no estrangeiro. Certa é a difusão da sua imagem controversa: grande comerciante de vinho do Porto, lavrador activo, artista plástico, observador e estudioso, escritor e cartógrafo.

Durante a primeira metade do século XIX, Portugal atravessou períodos de revoluções, contra-revoluções e guerra civil. No Porto, o quotidiano foi fortemente perturbado pelo cerco absolutista ao Porto. Os britânicos ajudaram na defesa da cidade e formaram um corpo de voluntários para defender as baterias. Assim, o cerco trouxe aos ingleses residentes horas de exaltação e um novo círculo de amigos: os partidários e auxiliares ingleses, oficiais do exército de D. Pedro IV.

No contexto de uma Europa em mudança, Forrester é um inglês que veio para Portugal, e para uma pequena cidade particularmente burguesa. Privou com miguelistas e liberais, assistindo aos combates, gozando de popularidade entre todos. Quanto aos seus interesses intelectuais, tudo poderá ter sido circunstância do tempo e de um certo movimento cultural da cidade. Em 1832, D. Pedro IV decretou a criação do Museu Portuense, o primeiro museu oficial estabelecido em Portugal; três anos depois, seria fundada a Associação Portuense de Pintura, Escultura e Arquitectura¹⁷. João Baptista Ribeiro, liberal convicto e pintor régio, implicado na criação destas instituições, elaborou desenhos das baterias militares do Porto, de que faz eco a Planta do Porto e suas vizinhanças, publicada em 1833¹⁸. Naturalmente, Forrester teve acesso a todo este universo de desenho, pintura e gravura, onde o retrato, os cenários urbanos e, particularmente, as paisagens naturais, eram os temas mais cultivados. Serão estas imagens que lhe servem de inspiração e modelo, alicerçando também o seu interesse pela Geografia e pela Cartografia.

Terminada a Guerra Civil, Forrester estava livre para se dedicar às actividades artísticas, publicando em 1834, uma famosa litografia sobre a Rua dos Ingleses, gravada em Inglaterra. Entre os que com ele conviveram

¹⁷ Tendo sido criadas em 1836, por decreto do ministro Passos Manuel, as Academias de Belas-Artes de Lisboa e do Porto, das quais Forrester viria a ser membro.

¹⁸ *Exposição João Baptista Ribeiro...*, 1990, p. 84.

mais de perto, há que referir Augusto Roquemont, um dos seus mestres de pintura. Em 1835, Forrester desenha dez vistas do Porto e arredores, que constam da publicação *Portuguese Scenery with Illustrative Notes* ¹⁹. O trabalho revela-se quase um guia de viagens, onde se incentiva o leitor a visitar as belezas da paisagem portuguesa. A seguinte série de desenhos, que retrata o Vale do Douro, seria reproduzida no mapa da bacia do rio publicado em 1848. Todas as suas experiências de conhecimento de campo, em especial na região do Douro, cruzadas com as artísticas e técnicas, reverterão para a elaboração das obras cartográficas.

III - OS MAPAS DO PAÍS DO DOURO POR J.J. FORRESTER

Foram os dois mapas coordenados por Joseph James Forrester, abundantes em informação, que lhe trouxeram fama internacional: O Mappa do Paiz Vinhateiro do Alto Douro, editado em 1843, e o Douro Portuguez e Paiz Adjacente, com tanto do rio quanto se pode tornar navegável em Espanha, publicado em 1848.

As intenções de Forrester ao fazer estudos sobre o rio Douro e o seu vale despertaram grande expectativa e entusiasmo ²⁰. Corria o rumor de que Forrester levava a cabo um projecto de melhoramento da navegação do Douro e, para todos, seriam positivas as suas consequências. Na realidade, haviam sido feitas algumas melhorias no sentido de facilitar a navegação fluvial, sob a inspecção da Companhia Geral, mas encontravam-se as obras paradas por falta de recursos e não parecia haver intenção de continuidade.

Quanto aos mapas, Forrester desejava tornar público o fruto de todo o trabalho realizado, por «[...] o Paiz carecer de obras desta natureza, feitas com a exactidão e perfeição com que estas estavam» ²¹. Esta ideia desenvolve-se em O Periódico dos Pobres, a 21 de Fevereiro de 1843: “Mas a vergonha é dizê-lo, não havia um trabalho completo e científico sobre a topografia daquelle districto, e se alguns, por ventura, imperfeitos havia, não tinham sido gravados, e erão um segredo nos archivos dos que administrão aquelle ramo de obras públicas.” ²² Este é também um testemunho de que era conhecida a existência dos mapas manuscritos de produção nacional mas, conservados nos arquivos, sem grande utilidade. A divulgação das imagens do espaço, pelo estrangeiro notável, poderia acarretar soluções práticas e concretas para a região.

Ultrapassando vários obstáculos, Forrester já teria conseguido reconhecimento e promoção dos seus mapas. Em 1843, o autor esclarece que o Mappa do Paiz Vinhateiro estava pronto para gravar e o do Rio Douro adiantado, apesar das dificuldades. Porém, considerava que a sua gravação e impressão não seria possível, com qualidade e pela dimensão, em Portugal, pelo que teriam de se realizar em Londres, como já acontecera com as gravuras artísticas. Explica em carta, à Câmara Municipal do Porto: “[...] não querendo que o producto dos meus trabalhos [...] seja roubado pela pirateria literária, dirigi, há tempo, um requerimento a Sua Magestade, fazendo menção destas circunstâncias, e pedindo-lhe me concedesse um titulo que me segure meu direito de propriedade.” ²³ A legislação portuguesa não favorecia as edições originais feitas fora do Reino, daí o pedido de

¹⁹ Existe uma cópia no Department of Prints & Drawings do British Museum (DELAFORCE, 1992, p. 53).

²⁰ FORRESTER, 1843.

²¹ Apud. FORRESTER, 1843, p. 6.

²² Apud. FORRESTER, 1843, p. 13. Nos arquivos portugueses existe um significativo número de mapas elaborados em torno da região e do rio Douro, da segunda metade de Setecentos e contemporâneos das produções de Forrester. Sobre eles preparamos um estudo.

²³ Apud. FORRESTER, 1843, p. 7.

Forrester, que não queria ver boicotada a avultada despesa dispendida, face a um possível aparecimento de cópias, solicitando o privilégio de autor e de livre entrada do seu mapa no País.

3.1 – The Wine District

A impaciência de Forrester, aliada aos insistentes pedidos de publicação, leva-o a decidir, em Fevereiro de 1843, e ainda que sem deferimento da Rainha, enviar o mapa referente ao Paiz Vinhateiro, para um dos principais gravadores de Londres ²⁴. Tratava-se de James Wyld “(successor to Mr Faden), Geographer to the Queen, & H.R.H. Prince Albert, Charing Cross East London”, que edita a 17 de Julho de 1843, o Map of the Wine District of the Alto Douro respectfully dedicated to Edwin J. Johnston Esq. her Magesty’s Consul at Oporto by Jos^h James Forrester (Fig 1) ²⁵. Embora o método litográfico fosse já largamente adoptado, o coordenador da obra preferiu a gravação em chapa de aço, que se utilizava desde a década de 1820 ²⁶.

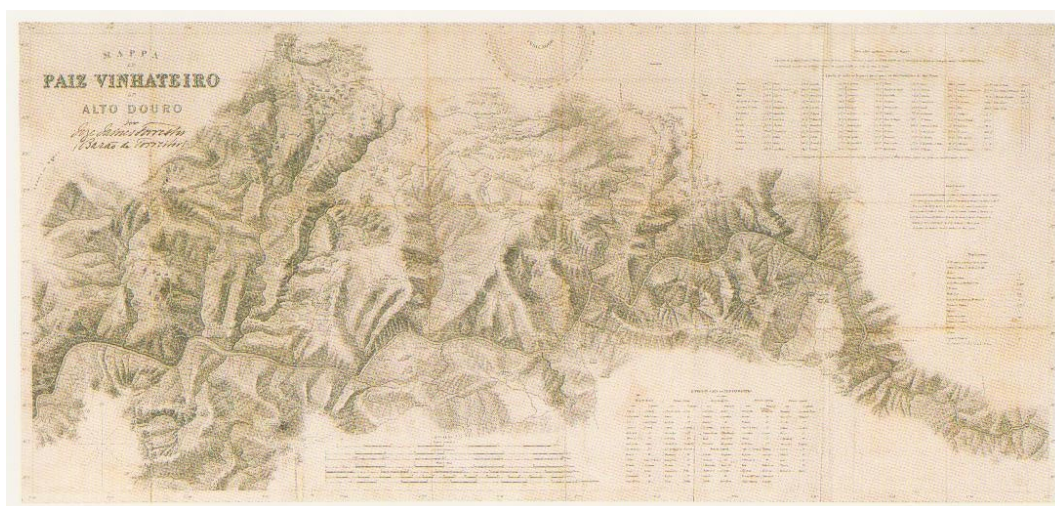


Figura 1 - Map of the Wine District of the Alto Douro

Ainda em 1843 sairá em Londres uma nova impressão do mapa, mas sob a chancela de Royston and Brown. ²⁷ As relações de trabalho entre Forrester e Wyld não seriam já as melhores e o gravador e editor será acusado pelo primeiro, de tentar apropriar-se da autoria da obra ²⁸. Resta saber o que cada um entende por “autor” no processo da produção cartográfica oitocentista. Quem possui fontes para a elaboração e as reutiliza? Acresce ainda, que na primeira versão do mapa, Forrester apenas assina a dedicatória, como antes faziam os mecenas. A rede de difusão estava estrategicamente pensada desde o primeiro momento e também a complementaridade entre o documento cartográfico e um texto “provocatório”, intitulado *A Word or Two on Port-Wine*, que sairá no ano seguinte.

Ainda nesse mesmo ano, Forrester divulga uma edição portuguesa do Mappa do Paiz Vinhateiro do Alto Douro, dedicado respeitosamente a Sua Magestade Fidelissima a Senhora Dona Maria II, publicado no Porto

²⁴ FORRESTER, 1843, p. 8.

²⁵ Londres, British Library, Map Room, 19935. (1.).

²⁶ HALL, 2006, p. 39.

²⁷ Royal Geographical Society, Map Room, mr Portugal S/S.9 [A].

²⁸ Ver *A Word or Two on Port-Wine*, Londres e Porto, trad. port., 1844 (apud. HALL, 2006, p. 39).

para o auctor, por António Maria de Magalhães - Bazar Portuense. Nos cantos inferiores esquerdo e direito do documento, as referências ao autor e ao gravador: “Josh. James Forrester fecit” e “James Wyld, sculpt. Charing Cross East, London”²⁹. A distinção entre quem “fez” e que “gravou” é agora claramente divulgada ao público. Mas quem diz que elaborou o mapa é quem gere o pagamento da edição...

O mapa, na escala de ca. 1 : 57.000 (2 léguas geográficas de 20 ao grau = 19,5 cm), seria reeditado, numa versão melhorada, em Londres, por Royston & Brown, 40, Old Broad Street, e em Edimburgo, por J. Menzies, Princes Street, em 16 de Maio de 1844, sob o título *Map of the Wine District of the Alto Douro improved edition respectfully dedicated to Edwin J. Johnston Esq.^r her Magesty's Consul at Oporto by Jos^h James Forrester, K.C.V.V member of the Royal Geographical Society of Paris & Berlim. Member by desert of the academies of Fine Arts of Lisboa & Oporto*³⁰. Na referência à edição se esclarece: “Improved Edition – Published for the Author Josh. James Forrester, as the Act directs”.

Nas primeiras versões portuguesa e inglesa, de 1843, embora a demarcação da região vitícola já estivesse representada no mapa, não surge na legenda, o que vem a acontecer na versão de 1844. Ai se encontram os limites do Paiz Vinhateiro nas explicações, e ainda a Quinta do Roncão, na tabela de locais. Mas notam-se igualmente algumas diferenças entre as versões portuguesa e inglesa, de 1843. Além das legendas da tradução inglesa, na portuguesa existe uma outra, em que se relacionam os “Diversos caes do paiz vinhateiro”; por sua vez, as observações gravadas no mapa da publicação inglesa eram mais extensas e controversas, nomeadamente, sobre a tentativa de desvalorizar o esforço e o mérito dos durienses no processo de cultivo e produção do vinho, e a crença de que a Companhia Geral demarcava terrenos de forma infundada, restringindo a capacidade de produção da região e impondo um limite arbitrário, para lá do qual, se produzia vinho de igual qualidade.

Presentes nas diversas versões estão as “Explicações” (legenda) e as “Observações” sobre a vindima, meses navegáveis no rio Douro e dimensão da região vinhateira. No documento inclui-se igualmente uma “Tabella de todos os logares principaes no Paiz Vinhateiro do Alto-Douro”, com um método de leitura que se explica: “Os números na segunda columna denotão o tempo necessário, em horas e quartos d’hora, para ir do Pêzo da Regoa a qualquer dos logares, que precedem aquelles números”. Face às poucas acessibilidades na região, esta seria uma preocupação constante em todas as suas obras.

Na edição de 1860 do mapa *O Douro Portuguez* encontramos a seguinte informação: “The Authors surveys of the Port-Wine-Districts of the Alto-Douro were ordered by the House of Commons to be printed in illustration of His evidence given before that Committee on the 22nd, 23rd, & 24th April 1852”³¹. Na sequência da participação na grande Exposição de Londres, de 1851, Forrester faz mover as suas influências na capital, junto dos círculos políticos. O mapa conhecerá uma nova versão, editada por Royston & Brown, com data de 18 de Junho de 1852, e será incluído no *Blue Book* publicado pelo Parlamento, nesse mesmo ano³².

²⁹ Entre os exemplares conhecidos contamos com os existentes na Área de Cartografia da Biblioteca Nacional de Portugal (C.C.d 145 R), na Direcção de Infra-Estruturas do Exército Português (2-19-28/3850/I) e no Département de Cartes et Plans da Bibliothèque National de France (Ge B - 155). Na grande exposição de cartografia realizada na Sociedade de Geografia de Lisboa, em 1903-1904, o Arquivo do Depósito da Guerra do Ministério da Guerra espanhol apresentou também um exemplar das suas colecções (cf. VASCONCELLOS, 1904, p. 275).

³⁰ Londres, British Library, Map Room, 19935. (2). Com base na correspondência sabemos que em Maio de 1843 Forrester estivera em Edimburgo (*Barão de Forrester...*, 1961, p.n.n.), onde certamente discutira com o editor as condições da publicação do mapa junto do público escocês.

³¹ Na exposição comemorativa do centenário da morte de Forrester esteve presente um mapa intitulado: *Mr. Forrester's Plano f the River Douro, delivered in 29th April 1852 (Barão de Forrester, 1961, p.n.n.)*.

³² FORRESTER, 1857, p. 5. Ver Londres, Royal Geographical Society, Map Room, mr Portugal S/S.9 [B].

Em 1853, a renovada base do mapa servirá um outro fim: ilustrar a nova obra de Forrester, vencedora de um original concurso saído da Exposição de Londres, organizado por um mecenas inglês de origem portuguesa, em torno de um estudo inovador sobre Portugal. *The Oliveira Prize - Essay on Portugal*, de Forrester, e o seu mapa teve uma vasta distribuição. A imagem *In Illustration of the Oliveira Prize Essay on Portugal*, tem a referência que remete para a versão anterior: “As adopted and published by the House of Commons”³³. Forrester intitula-se então *Member of the Corps of Equestrian Knights of the King of Sardinia; Member of many Royal Academies of Europe & condecorated by their Imperial Majesties the Emperors of Russia & Austria, the Queens of Portugal & Spain & the King of Sardinia, by the President of the French Republick &c &c &c.*

Qualquer referência ao trabalho gráfico de James Wyld desapareceu do documento: Forrester chama a si toda a autoria, “*Josh. James Forrester fecit*”, e a impressão deve-se a “*Royston & Brown, Printers*”. Foi publicada em Londres, por John Weale, 59 High Holborn, e *Royston & Brown*, 40 Old Broad Street; em Edimburgo, por J. Menzies, Princes Street, e no Porto, por Coutinho³⁴. John Weale, famoso editor londrino desde os anos de 1820, publicara para Forrester, em 1848, o mapa intitulado *The Portuguese Douro...*, do qual falaremos em seguida. Uma 2ª edição de *The Prize-Essay on Portugal* saiu em Londres-Edimburgo-Porto, pelos mesmos editores, em 1854, com o mapa inserto³⁵.

Entre a informação textual e estatística repartida pelo mapa existem algumas alterações em relação às imagens das edições anteriores, como o quadro referente aos “*Diversos cáes do Paiz Vinhateiro*” substituído por um conjunto de *Observations*, onde se enumeram o número de fogos da região, nas principais cidades e por províncias, com base no censo populacional de 1842. O local de partida para a contagem dos tempos de deslocação, através do mapa (to find any place on the map) também passou a ser mais preciso: “*The numbers in the second column, denote the time, in hours, and quarters of hours, occupied in travelling from the Quinta do Forrester (Pêzo da Regoa) to any of the places opposite those numbers. The Author’s property at S. Christovão is called ‘Quinta das Aguias’ or ‘of the Eagles’*”. O autor está dentro e fora do mapa, controlando o território, ostentando o poder que lhe dá o conhecimento, e o reconhecimento que lhe dá quem não conhece o território.

3.2 – *The Portuguese Douro*

A petição de Forrester a D. Maria II terá tido resposta positiva em Abril de 1848, mas apenas relativa ao mapa de conjunto do Douro que se intitula: *The Portuguese Douro and the adjacent country and so much of the river as can be made navigable in Spain / O Douro Portuguez e Paiz Adjacente com tanto do rio quanto se pode tornar navegável em Espanha* (Fig. 2). Não havia menção à possibilidade do mapa ser editado em Portugal mas apenas a que entrasse no País, livre de impostos alfandegários. O processo da gravação em

³³ Conhecemos vários exemplares da obra com o mapa anexo: Biblioteca Pública Municipal do Porto, N°-2-100; Londres, Royal Geographical Society, MG692XC e British Library, 8246.f.32.

³⁴ Trata-se provavelmente da Livraria de Cruz Coutinho. Pela correspondência enviada sabemos que Forrester estivera em Edimburgo, em Agosto de 1845 (*Banão de Forrester...*, 1961, p.n.n), onde seguramente voltara a contactar com o seu editor escocês.

³⁵ Ver Biblioteca Nacional de Portugal, S.C. 1773 V. Uma outra versão poderá ter acompanhado a *Memória sobre o curativo da moléstia nas videiras* da autoria de Forester, na sua edição inglesa de 1854, já que na edição portuguesa (Porto, Typographia Commercial, 1857), não consta. Na exposição do centenário da morte de Forrester esteve presente um exemplar datado de 1864: *Map of the Wine District of the Alto-Douro as adopted and published by the House of Commons* (1961, p. n.n.).

Londres encontrava-se terminado e o autor oferece o primeiro exemplar à Rainha e a D. Fernando II, que muito o elogiam ³⁶.



Figura 2 - The Portuguese Douro and the adjacent country and so much of the river as can be made navigable in Spain

Um outro, da mesma “Royal Edition of 25 Proufs (before letter)”, como está inscrito no topo do mapa, foi entregue à Câmara Municipal do Porto, a 8 de Abril de 1848³⁷. Ai recorda o autor que havia quase quatro anos que apresentara à vereação o original manuscrito mas, apesar de todos os esforços e solicitações locais e regionais, o projecto enfrentara a “aparente indiferença do Governo daquele tempo” ³⁸.

Esta primeira versão, quase privada, feita antes da gravação definitiva a divulgar, prima pela sobriedade: há grandes espaços vazios de informação, as figuras têm explicações mínimas e o autor não se apresenta com quaisquer títulos ou condecorações. Um pormenor interessante é a coroa colocada numa posição central, no topo do mapa, como que dominando todo o espaço figurado, e que de todo não se assemelha à coroa real portuguesa, antes lembra, pela presença das flores de lis junto à base e pelo pequeno globo no cimo, a Coroa de Saint Edward, com a qual os monarcas britânicos eram coroados, desde os finais do século XVII. O poder britânico sobre o Douro português.

Ainda em 1848 sairá mais uma versão do mapa, em que se exibem na base do documento as insígnias das Ordens de Carlos III, de Espanha, e de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa ³⁹. Provavelmente do ano seguinte datará a versão onde a estas insígnias se acrescenta a Ordem de Cristo, além de medalhas atribuídas pelo Czar Nicolau I e pelo Papa Pio IX, com referência ao terceiro ano do seu pontificado (1849). Trata-se da “Royal Edition”, onde Forrester se diz membro de várias academias e sociedades científicas de Berlim, Paris, Londres, Lisboa e Porto e, particularmente, autor da obra: “Forrester fecit”. O mapa foi gravado por William Hughes (“W. Hughes, sculp: London”), antigo funcionário da British Library e autor de um tratado sobre a construção de mapas, publicado por John Weale, Architectural Library, 59 High Holborn, a 1 de Junho de 1848, com um número significativo de cópias que terão sido enviadas para diversos países europeus, a várias instituições nacionais, públicas e privadas.⁴⁰

³⁶ O exemplar terá estado presente na exposição organizada em Vila Nova de Gaia, em 1930 (*Catálogo da Exposição...*, 1930).

³⁷ O exemplar que esteve no Gabinete de História da Cidade (FERREIRA, 1970, p. 409) encontra-se hoje no Palacete dos Viscondes de Balsemão, Direcção Municipal de Cultura da Câmara Municipal do Porto. Sob o título impresso e a assinatura manuscrita de Forrester foi acrescentado: “Offerecido à Ex.ma Camara Municipal da Invicta Cidade de Porto pelo Aucthor”. Um original manuscrito desta ou de alguma das versões posteriores existiria na firma Offley, Forrester & C., em Londres, em finais do século XIX (*O Tripeiro*, V sér., III, p. 166).

³⁸ O Governo era então chefiado pelo Duque da Terceira. Acolhimento diverso terá a obra de Forrester sob o Governo do Marechal Duque de Saldanha. Da primeira “Royal Edition”, um outro exemplar conhecido é o dedicado ao Duque de Saldanha e que se encontra depositado no Departement de Cartes et Plans, da Bibliothéque National de France (Ge A - 81).

³⁹ Entre os exemplares conhecidos referimos os existentes na Hemeroteca da Biblioteca Pública Municipal do Porto, na Área de Cartografia da Biblioteca Nacional de Portugal (C. Par. 5), na Direcção de Infra-Estruturas do Exército Português (2-19-28/4207) e na Map Room da British Library (Maps 19935. (4.)).

⁴⁰ Um exemplar foi oferecido à Academia das Ciências de Lisboa e, a partir dele fez o Instituto do Vinho do Porto, uma edição fac-similada (Porto, s.d.).

Provavelmente no final de 1851 está pronta uma nova e muito cuidada versão do mapa, enquanto a Regeneração dá os seus primeiros passos pela mão do Duque de Saldanha, um amigo do autor ⁴¹. Mas, a nova imagem é particularmente importante para Forrester, pelo momento que eterniza, na sequência dos seus trabalhos e na sequência da Exposição Universal de Londres, de 1851. Na base do documento, às insígnias presentes nas anteriores versões acrescentam-se as das Ordens de Isabel a Católica, de Espanha, e de São Maurício e São Lázaro, esta concedida por Carlos Alberto, rei do Piemonte e da Sardenha, exilado no Porto, em 1849 ⁴². Compõem ainda o friso de distinções desenhadas no fundo do mapa, quatro medalhas de ouro atribuídas a Forrester, pelo Papa Pio IX (*Iuris Municipal in vere restitutor*) e pelo Czar Nicolau I (*Praemia Digno*), já referidas, e agora pelo Imperador Francisco José da Áustria (*Leteris et Artibus*) e pelo Presidente da República Francesa, Louis Bonaparte, futuro Imperador Napoleão III, “à Mr. James Forrester pour ses travaux topographiques en Portugal 1850”. Forrester expõe o reconhecimento internacional. Observemos o mapa.

Fisicamente é constituído por três folhas de cerca de 70 x 100 cm cada uma, o que no total, quando coladas, ronda os três metros de comprimento. Trata-se claramente de um mapa parietal, de luxo, para exibição mas, ao mesmo tempo, pela quantidade de informação incluída, um documento que exige observação minuciosa.

Existe um extenso texto introdutório geográfico e histórico sobre o rio Douro, que termina com a apresentação do próprio mapa, e se complementa com a longa lista de agradecimento, especialmente a instituições e individualidades portuguesas. A maioria dos textos insertos e repartidos pelas folhas são em inglês e em português, com algumas excepções, como é o caso da autorização de entrada do mapa em Portugal “free of Duty”, por D. Maria II, apenas em inglês.

As diversas escalas gráficas, na base do mapa, encontram-se expressas em unidades inglesas, portuguesas e espanholas, atendendo aos públicos aos quais se pretende chegar. O meridiano de referência é o de Greenwich. A legenda, denominada “Explicaçoens”, apresenta uma série de símbolos a que correspondem os muitos fenómenos figurados, entre eles, com ligação directa aos aspectos agrícolas: quintas, armazéns, diferentes tipos de árvores, terras lavradas, áreas de plantação de linho, limite do país vinhateiro, vinha de enforcado, etc. Entre os vários pormenores do mapa foi também incluída, embora generalizada e de pequena escala, a planta da cidade do Porto, dando-lhe como limites, apesar da data de gravação, as posições do exército liberal durante o Cerco do Porto. Mas encontramos também referências aos acontecimentos bélicos espalhadas ao longo do vale do Douro, como ruínas ou armazéns de guerra. Serão intencionais as referências ou vestígios das fontes cartográficas utilizadas?

O colorido aguarelado difere, naturalmente, de exemplar para exemplar, já que as cores não são impressas. Com elas se pretendem separar visualmente as sub regiões que então existiam em torno da bacia do Douro. Tal como no *Map of the Wine District*, o centro da imagem, que é centro do mundo do autor, está localizado a Noroeste da Régua, é a “Quinta do Forrester”.

Existem duas “janelas” incluídas no mapa, uma com carácter científico é a *Geological view of the wine district of the Alto Douro reduced from Mr. Forrester’s map*, na escala de 1 : 270.000, numa remissão directa

⁴¹ Conhecemos um exemplar na Área de Cartografia da Biblioteca Nacional de Portugal (C. Enr. 12), dedicado “Ao Illmo. Exmo. Snr Marquez de Loulé offerece o seu obediente servo o Author”. Do exemplar oferecido a Sir Richard Parkenham, embaixador inglês em Lisboa entre 1851 e 1855, foi feita recentemente uma edição em Lebanon (New Hampshire, E.U.A.), coordenada por Isaac Oelgart (2006).

⁴² No referido exemplar do mapa existente na Biblioteca Nacional de Portugal, Forrester acrescentou pela sua mão a referência à sua nomeação como membro da Academia das Ciências de Turim, provavelmente por recomendação do rei Carlos Alberto.

ao Map of the Wine District, e baseada no trabalho de levantamento geológico de Rebelo de Carvalho, que também serve de fonte a um dos textos incluídos no mapa: “Geologia do Districto Vinicola do Alto-Douro”⁴³. A outra “janela” tem um mapa intitulado O Rio, com uma perspectiva geral do curso do Douro, na escala de 1 : 460.000, sobre a qual se assinalam os valores da distância-tempo de navegação fluvial. Uma das “atracções” na leitura do mapa parietal é a colecção de gravuras que representam pitorescas vistas do vale do Douro: “Ponte pênsil do Porto”, “Regôa”, “Ponto do Cachão da Baleira”, etc. A localização de cada vista pode o leitor fazer facilmente consultando o curso do rio, no mapa de fundo.

A informação qualitativa e, sobretudo, quantitativa é dada ao leitor através de seis quadros, onde se identificam os mais importantes locais para a navegabilidade e navegação do curso do Douro e se calculam as distâncias dos itinerários terrestres (pela margem norte e pela margem sul) e fluviais, quer entre a foz e a Régua, quer entre a foz e a fronteira com Espanha. Finalmente, existe ainda um pequeno quadro com um vocabulário elementar português-inglês: “Portuguese Terms”.

Com todas esta quantidade de dados repartidos pela imagem, o mapa de Forrester constitui-se como um verdadeiro tratado “estadístico” da região. Em 1852 foi impressa em Londres, uma primeira “New Royal Edition”, “printed solely for the author”⁴⁴ e, em 1860, uma segunda⁴⁵. A primeira surge na sequência do Oliveira Prize, ganho por Forrester, em Maio de 1852; a segunda após a nobilitação de Joseph James como 1^o Barão de Forrester (in Portugal), pelo regente D. Fernando, em nome de D. Pedro V, em 1855. O texto oficial da atribuição do título, traduzido para inglês, será colocado nesta “New Royal Edition” de 1860, agora denominada Original Surveys of the Portuguese Douro and the adjacent country; and so much of the river as can be made navigable in Spain.

Sob o mapa geológico encontramos informações novas que se prendem com essa etapa dos trabalhos do autor e seu reconhecimento internacional: “The original survey of the Port Wine Districts of the Alto-Douro by the Author of this chart (as ordered by a Committee of the House of Commons in 1852 to be printed) will be found in J.J. Forrester’s Prize Essay on Portugal in connection with the objects of the Great Exhibition of 1851.” Na base do mapa foram reorganizadas as cinco insígnias das ordens de que Forrester é membro e encontramos duas novas medalhas atribuídas por Pio IX: uma referente ao quinto ano do seu pontificado (1851) e outra de dimensões mais reduzidas (Pio IX Pontifex Maximus). O autor não sabia que pouco tempo lhe restava de vida, que o Douro o esperava, mas os monumentos para o recordar estavam construídos.

IV - OS MÉTODOS DE ELABORAÇÃO DOS MAPAS

Um dos aspectos mais desconhecidos dos mapas de Forrester é o da sua elaboração, sobretudo se pensarmos nas múltiplas e intensas actividades do autor e na falta de informação sobre a sua formação técnica, quer em Inglaterra, quer em Portugal. No caso de O Douro Portuguez e Paiz adjacente... refere-se que o método

⁴³ Joze Pinto Rebello de Carvalho é autor do estudo *Considerações Geraes sobre a constituição geológica do Alto-Douro (demarcado conforme a carta topográfica do Cavalleiro Joze James Forrester)*, que inclui o esboço geológico colorido (Porto, Typographia Commercial, 1848).

⁴⁴ Em Londres, na Map Room da Royal Geographical Society existe um exemplar dedicado por Forrester à instituição (nr Portugal S/S.10).

⁴⁵ Um exemplar desta edição existe na Área de Reservados da Biblioteca Pública Municipal do Porto, oferecido pelos filhos do autor à instituição, em 1861 (cf. Allen, p. 180). De uma das versões “[...] se fez na Lithographia Lusitana uma redução pela casa editora Magalhães & Moniz, do Porto, quando em 1871 publicou o Douro illustrado do falecido Visconde de Vila Maior.” (ANDRADE, p. 134). Na verdade, a obra de Villa Maior foi editada em 1876, no quadro da Exposição Universal de Filadélfia, e a litografia encarregue da impressão do mapa foi a da Imprensa Nacional. Um exemplar desta *Carta do Rio Douro e Paiz Vinhateiro desde a Barca d’Alva até S. João da Foz segundo a carta do Barão de Forrester (54x119 cm)*, na escala de 1: 111.000 (?), esteve presente na exposição do centenário da morte do autor (Barão de Forrester..., 1961, p.n.n.).

utilizado nos levantamentos de campo seria o comum entre topógrafos, aplicado em diversos usos, mas não seguido em Portugal. O trabalho estaria ligado à triangulação da área do “país vinhateiro”, feita a theolides e cadeado, e determinada a estação de partida por observações astronómicas com instrumentos de reflexão. No caso do Mappa do Paiz Vinhateiro do Alto Douro, à mesma escala, os triângulos principais foram obtidos a graphometro e a base medida a cadeado, “o resto foi cheio a plancheta”, e o lugar do ponto de partida foi determinado com instrumentos de reflexão. Finalmente, a representação do relevo foi estabelecida por meio de um sistemático sombreado, com particular efeito gráfico.

Mas, a ser verdade, onde aprendera Forrester tudo isto de topografia e cartografia militar? Antes de viver em Portugal? Durante a Guerra Civil? E mesmo que tivesse recebido essa formação técnica, teórica e prática, seria possível isoladamente elaborar um levantamento minucioso de uma tão vasta área? Debbie Hall faz notar que Forrester “[...] had to proceed almost from scratch, measuring the locations of individual landmarks by triangulation. It must have been an immense task, of the sort more often carried out by government or military agencies than by private individuals, however accomplished or dedicated.”⁴⁶ A ligação aos já referidos trabalhos levados a cabo pelo exército inglês, talvez seja uma hipótese explicativa.

Em 1855, Forrester descreve com entusiasmo o método adoptado para a realização dos mapas, numa carta a suas filhas, para que o comuniquem ao seu professor: “You may tell Monsieur that I threw a chain of triangles over the Country from the Wine districts to the frontiers of Spain, the angles being repeated by the Theodolite - that I Work alone - often risking my life to obtain an observation or an angle - that my works were examined by a Professor of Mathematics of the Royal Polytechnic of this City and passed muster.”⁴⁷ Supõe-se que se refira a Diogo Kopke, capitão de Artilharia e Lente de Matemática na Academia Politécnica do Porto, que o havia acompanhado a «estas localidades», conforme se verifica nos agradecimentos impressos no Douro Portuguez e paiz adjacente... e na gravura referente ao Ponto da Sardinha inserto no mesmo: “NB. O primeiro barco que jamais chegou a este Ponto foi o do Auctor, em 8 de Nov.^o 1841, levando elle em sua companhia os seus amigos o Cap.^{ão} Diogo Kopke e o Sn.^{or} A. Roquemont.”

Sabemos que Forrester recebia grupos de interessados, amigos e curiosos, para examinar as suas obras. A permanente alusão a que o autor terá gasto vinte anos e largas somas de dinheiro na construção deste trabalho, pressupõe que o teria iniciado poucos anos após a sua chegada ao nosso País. No entanto, fica-nos a sensação de que as notícias difundidas por terceiros têm por base relatórios previamente preparados pelo próprio Barão, pela repetição das descrições e das técnicas empregues e pela parca informação acerca do efectivo trabalho cartográfico desenvolvido. Esta ausência dos pormenores sobre os levantamentos topográficos, revela-se ainda mais estranha, diante do esforço e empenho de largos anos, que Forrester repetidamente menciona.

Será igualmente significativo observar que Forrester, ao reconhecer a ajuda que recebeu de numerosas individualidades e autoridades mencionasse poucos britânicos. Nos extensos agradecimentos incluídos no Mapa do Douro Português, apenas se encontram referências a Lord Howard de Walden e Sir G. Hamilton Seymour, Ministros ingleses em Lisboa, o Coronel Owen, testemunha do famoso relato do Cerco do Porto, Robert Woodhouse, amigo próximo de Forrester e Edwin J. Johnston, Cônsul Britânico no Porto a quem dedicou, como se referiu, a primeira edição do Map of the Wine District of the Alto Douro.

⁴⁶ HALL, 2006, p. 38.

⁴⁷ Apud. DELAFORCE, 1992, p. 34.

Mas, entre os diversos exemplares desse mapa, que Forrester enviou a autoridades e personalidades de destaque, há um que nos suscitou interesse especial: o enviado, em Julho de 1843, ao já referido General Sir George Murray, natural de Perth, tal como a família de Forrester, e autor publicado pelo mesmo editor de Londres, que produziu os mapas do defensor do Douro, em datas muito próximas ⁴⁸. Daí que a comparação da Murray Collection existente na National Library of Scotland, bem como com os diversos núcleos cartográficos existentes nas instituições londrinas, com os mapas coordenados por Forrester seria particularmente esclarecedora quanto às fontes consultadas e utilizadas, mas eventualmente não referidas, pelo futuro Barão de Forrester.

Entre outros, existem também dois importantes aspectos técnicos que não têm sido referidos: um é o da escala ser praticamente a mesma, para O Douro Portuguez e para o Mappa do Paiz Vinhateiro, embora a densa figuração do relevo neste último, os torne aparentemente bastante diferentes; o outro é a figuração desse mesmo relevo por “normais”, ser em tudo semelhante à que encontramos nas folhas das denominadas old series, que a Ordnance Survey então fazia nas Ilhas Britânicas, publicadas em escalas muito próximas ⁴⁹. O modelo das grandes coberturas cartográficas em série que decorria, em particular na Escócia, seria apenas um modelo?

V - A DIVULGAÇÃO DOS MAPAS DO DOURO

O Map of the Wine District tinha surgido como uma base indispensável para os melhoramentos das comunicações internas, de que era tão deficitária a região do Alto Douro e The Portuguese Douro and the adjacent country como um plano para melhorar a navegação do rio Douro e fazer cumprir a convenção assinada entre os Governos português e espanhol para a livre circulação do Douro, em 1840 ⁵⁰, mas eles são apenas peças, ainda que importantes, na elaboração de um projecto mais vasto de Forrester: o de criar, conservar e difundir a imagem do Wine District, o Douro Vinhateiro, o Alto Douro.

Os momentos marcantes do processo de propaganda desse projecto foram a Great Exhibition, organizada no Crystal Palace de Londres, em 1851, e a Exposition Universelle que decorreu em Paris, em 1855. Para ambas enviou Forrester um Alto-Douro concentrado, que se descrevia e dava a conhecer através dos seus mais característicos aspectos. Entre as peças desse museu efémero, que se desejava também feira de transacções, porque o futuro da região se jogava nos negócios a estabelecer, encontravam-se os mapas, através dos quais o Douro se localizava no Mundo e, ao mesmo tempo revelava a riqueza da sua diversidade interna. A cada local do mapa correspondia um objecto ou um produto: uma amostra de xisto ou uma garrafa de vinho.

Mas, além dos dois mapas impressos foram enviados por Forrester à Exposição de Paris, cinco outras realizações cartográficas manuscritas sobre o Douro ⁵¹. A novidade passava pela ilustração dos mapas com fotografias, que substituem as gravuras, dando maior veracidade às paisagens. Na sequência da Exposição de Londres, Forrester concorrerá e ganhará o Oliveira Prize; pela apresentação dos dois mapas impressos e cartas geológicas das margens do Douro, na Exposição de Paris, receberá o Diploma de Honrosa Menção.⁵² A fama

⁴⁸ Cf. a correspondência trocada entre Forrester e Murray (DELAFORCE, 1992, Apêndice VII, pp. 110-111).

⁴⁹ Cf. KAIN, 1997, p. 248.

⁵⁰ Informação inserta no Mapa. Sobre este tema ver PEREIRA, 1997.

⁵¹ FORRESTER, 1856, p. 11 e *Catálogo...*, 1930, p. 19.

⁵² FORRESTER, 1857, p. 29

dos seus trabalhos geográficos e cartográficos espalha-se pela Europa e a imagem do Alto Douro circula atraindo visitantes ⁵³.

No final da primeira metade do século XIX, os guias de viagem estrangeiros, de que o mais recomendável talvez fosse o editado pela Useful Knowledge Society, faziam eco da ausência de cartografia rigorosa sobre Portugal. No entanto, consideravam que uma exceção deveria ser feita ao trabalho do Barão de Forrester, quer no que respeitava ao mapa apenso ao Prize Essay, quer ao mapa do Douro Portuguez e Paiz Adjacente ⁵⁴. A descrição da descida do Douro no Murray's Handbook for Travellers, de 1856, foi baseada no trabalho do Barão, e o guia aconselhava os leitores ávidos de conhecimento sobre o wine-country a consultar Mr. Forrester Prize Essay on Portugal, tido como o mais conhecedor da região ⁵⁵.

Forrester fizera-se eternizar em Londres, em 1845, através de dois retratos, aos quais os mapas do Douro servem de fundo ⁵⁶. Num deles, Forrester segura com a mão direita um compasso sobre uma folha, onde se inscreve: "Survey of the River Douro"; o mapa parietal, ao fundo, tem por título: "The Wine District of the Alto Douro". A imagem foi litografada por "Day & Haghe lithrs. to the Queen. Baugniet 1845, London". Mas serão os mapas, como verdadeiros monumentos, que homenageiam o autor e divulgam o seu reconhecimento nacional e internacional.

É num dos exemplares do mapa que se inscreverá um derradeiro memorial: um monumento a Forrester no monumento que a si próprio criara. Refere-se no Catalogo de Geographia da Bibliotheca Publica Municipal do Porto, de João d'Almeida Allen, ao descrever-se o exemplar mais antigo do Douro Portuguez (1848) existente na instituição: "Como o Author em 1861, morreu afogado no ponto da Cachão; ahi, por baixo da respectiva vista, o sr. Eduardo Coquet, 1º guarda-sala ou official da Bibliotheca, lhe desenhou um Mausoléo commemorativo" ⁵⁷

⁵³ Sobre este tema ver BRANCO, 2007.

⁵⁴ *Hints to travellers...*, 1852, p. 53.

⁵⁵ *Portugal (Murray's handbook for travellers in)*, 1856, p. 168.

⁵⁶ SOARES et al., II, 1948, p. 69.

⁵⁷ ALLEN, 1895, p. 130.

VI – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLEN, João d'Almeida, Catálogo de Geographia da Bibliotheca Publica Municipal do Porto, Porto, Imprensa Civilização, 1895.
- ANDRADE, Monteiro de, Plantas antigas da Cidade, século XVIII e primeira metade do século XIX, Porto, Câmara Municipal do Porto, Gabinete de História da Cidade, s.d.
- Barão de Forrester: Exposição comemorativa do centenário da sua morte, 1861-1961, Porto, Instituto do Vinho do Porto, 1961.
- BAKER, D.W.A., The Civilised Surveyor, Melbourne, Melbourne University Press, 1997.
- BRANCO, Didiana, O País Vinhateiro do Alto Douro na primeira metade do século XIX: Viagens e Representações, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2007 (Dissertação de Mestrado em Estudos Locais e Regionais).
- Carvalho, Jozé Pinto Rebello de, Considerações Geraes sobre a constituição geológica do Alto-Douro (demarcado conforme a carta topográfica do Cavalleiro Jozé James Forrester), Porto, Typographia Commercial, 1848.
- Catálogo da Exposição de documentos artísticos e científicos e de recordações do Barão de Forrester, Vila Nova de Gaia, Amigos do Mosteiro da Serra do Pilar, 1930.
- DELAFORCE, John, The Factory House at Oporto, Porto, Christie's Wine Publications, 1990.
- DELAFORCE, John, Joseph James Forrester: Baron of Portugal 1809-1861, Porto, Christie's Wine Publications, 1992.
- DIAS, Maria Helena, Nas Vésperas das Invasões Francesas, Lisboa, Instituto Geográfico do Exército, 2007.
- Dictionary of National Biography (Leslie Stephen e Sidney Lee ed.), vol. VII e vol. XIII, London, Smith Elder & C^o, 1908.
- Exposição João Baptista Ribeiro: uma figura do Porto Liberal, Porto, Universidade do Porto, Fundação Gomes Teixeira, 1990.
- FERREIRA, Albino Pinto, «Duas cartografias célebres: O Mappa do Paiz Vinhateiro do Alto Douro e o Douro Portuguez e Paiz Adjacente», Porto, Câmara Municipal do Porto, 1970 (sep. Boletim Cultural, vol. 33, fasc. 1-2).
- FORRESTER, Joseph James, Correspondencias de illustres corporacoens em Portugal acerca do melhoramento da navegação do Rio Douro...e sobre os mappas do mesmo rio, e do Paiz vinhateiro do Alto Douro, Porto, Typ. Com. Portuense, 1^o Vol., 1843.
- FORRESTER, Joseph James, Papers relating to the improvement of the navigation of the river Douro from its mouth to the barca de Vilvestre in Spain and to the maps of that river, and of the wine-district of the Alto-Douro, Oporto, Commercial Printing Office, 1844.
- FORRESTER, Joseph James, Documents relating to Mr. Forrester's topographical works of the wine districts of the Alto-Douro and River Douro, ordered to be published by the Municipal Chamber of Oporto, 1848.
- FORRESTER, Joseph James, A word or two on Port-Wine ... together with "Strictures" on the pamphlet entitled: a "Word of Truth on Port-Wine", London, T. Whittaker the younger, 1848a (1^a ed., 1844).
- FORRESTER, Joseph James, Documentos descriptivos que dizem respeito às obras topographicas do Rio Douro e do seu paiz vinhateiro pelo negociante do Porto, e lavrador do Douro..., Porto, Typ. Com. Portuense, 1851.
- FORRESTER, Joseph James, An Essay on the Resources of Portugal, and especially considered as to her relations with foreign countries. Sent to B. Oliveira, etc, London, J. Ridgway, 1853.
- FORRESTER, Joseph James, The Oliveira Prize Essay on Portugal; with the evidence regarding that country taken before a committee of the House of Commons, in May 1852, and the author's surveys of the wine districts of the Alto-Douro, 1853a.
- FORRESTER, Joseph James, «Viagem para o Douro», O Commércio, Porto, 1854, Setembro e Outubro (n.º 43, 11 Set., pp. 1-2; n.º

- 46, 18 Set, p.1; n.º 47, 20 de Set., pp. 1-2; n.º 50, 27 de Set., p. 1; n.º 52, 2 de Out., p.1; n.º 54, 6 de Out., pp. 1-2; n.º 55, 9 de Out., pp.1-2; n.º56, 11 de Out., pp.1-2; n.º 58, 16 de Out. p.1; n.º60, 20 de Out., pp. 1-2; n.º 62, 25 de Out., pp.1-2; n.º 64, 30 de Out., p.1).
- FORRESTER, Joseph James, *Relation des objects expediés à l'exposition universelle de Paris*, Porto, ed. autor, 1855.
- FORRESTER, Joseph James, *Algumas palavras sobre a Exposição de Paris, oferecidas aos seus amigos*, Porto, Typ. Com. Portuense, 1856.
- FORRESTER, Joseph James, *Guia dos objectos que foram remetidos à Exposição Universal de Paris*, s.n., 1856a.
- FORRESTER, Joseph James, *Memoria sobre o curativo da molestia nas videira*, Porto, Typographia Commercial, 1857.
- HALL, Debbie, «Forrester's Maps of The Douro», in Joseph James Forrester and His Maps of The Portuguese Douro and Adjacent Country- The Map Of The Wine District Of The Alto Douro, The Port Lover's Library, NH, USA, 2006.
- Hints to travellers to Portugal, in search of the beautiful and the grand: with an itinerary of some of the most interesting parts of that remarkable country, London, John Murray, 1852.
- JONES, John T., *Journals of Sieges carried on by the Army under the Duke of Wellington, in Spain, during the years 1811 to 1814, with notes and additions, also memoranda relative to the lines thrown up to cover Lisbon in 1810*, London, John Weale, 1846.
- KAIN, Roger, «The Ordenance Survey: emergence of the national mapping agency» in *La Cartografia Anglesa*, Barcelona, Institut Cartogràfic de Catalunya, 1997, pp. 235-250.
- Maps and Plans, showing the principal movements, battles & sieges, in which the British Army was engaged during the war from 1808 to 1814, London, James Wyld, 1840.
- Memoir annexed to an Atlas containing Plans of the Principal Battles, Sieges, and Affairs, in which the British troops were engaged during the war in the Spanish peninsula and the south of France from 1808 to 1814, London, James Wyld, 1841.
- PAGET, Julian, *Wellington's Peninsular War*, London, 1990.
- PEREIRA, Maria da Conceição Meireles, «A Navegação do rio Douro no século XIX - Algumas questões», *Douro - Estudos e Documentos*, vol. II, n.º 4, 1997, pp. 251-269.
- Portugal (Murray's handbook for travellers in), London, John Murray, 2.ª ed., 1856 (1ª ed., 1855).
- SOARES, Ernesto e LIMA, Henrique de Campos Ferreira, *Dicionário de Iconografia Portuguesa*, Lisboa, Instituto para a Alta Cultura, 1948.
- VASCONCELLOS, Ernesto de, *Exposição de Cartographia Nacional. Catalogo*, Lisboa, Sociedade de Geographia de Lisboa, 1904.
- VILLA MAIOR, Visconde de, *O Douro Ilustrado*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Banco de Fomento Exterior, Instituto do Vinho do Porto, 1990 [Facsimile da edição do Porto, Livr. Universal de Magalhães & Moniz, 1876].
- WARD, S. G. P., *Wellington's Headquarters, A Study of the Administrative Problems in the Peninsula, 1809-1814*, London, Oxford University Press, 1957.
- WEBSTER, Diana, *Maps & Plans in the collection of General Sir George Murray (1772-1846) held in the National Library of Scotland - Map Library, including manuscript and printed maps of the peninsular War...*, Edimburgo, National Library of Scotland, 2001.